

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 24/08/2024.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

EDUARDO LIMA DE SOUZA

FORMAS DE REPARAÇÃO DO MAL NO PORTUGAL DOS SÉCULOS XIV E XV

FRANCA – SP

2023

EDUARDO LIMA DE SOUZA

FORMAS DE REPARAÇÃO DO MAL NO PORTUGAL DOS SÉCULOS XIV E XV

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista, “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: História e Cultura Social.

Orientador(a): Profa. Dra. Susani Silveira Lemos França.

FRANCA – SP

2023

S729f

Souza, Eduardo Lima de

Formas de Reparação do Mal no Portugal dos séculos XIV e XV /
Eduardo Lima de Souza. -- Franca, 2023

213 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista(Unesp),
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca

Orientadora: Susani Silveira Lemos França

1. Portugal. 2. Penitência. 3. Satisfação. 4. Moral. 5.
Quatrocentista. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca
da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca. Dados fornecidos pelo
autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

EDUARDO LIMA DE SOUZA

FORMAS DE REPARAÇÃO DO MAL NO PORTUGAL DOS SÉCULOS XIV E XV

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista, “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: História e Cultura Social.

Orientador(a): Profa. Dra. Susani Silveira Lemos França.

BANCA EXAMINADORA

PRESIDENTE: _____

**Profa. Dra. Susani Silveira Lemos França
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”**

1º EXAMINADOR: _____

**Prof. Dr. Saul António Gomes
Universidade de Coimbra**

2º EXAMINADOR: _____

**Profa. Dra. Dulce Oliveira Amarante dos Santos
Universidade Federal de Goiás**

França, ____ de _____ de 2023.

Ao meu pai

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não seria possível sem a orientação da professora Doutora Susani Silveira Lemos França (UNESP/Franca), que pacientemente corrigiu e me ajudou a solucionar os frequentes desafios desta pesquisa. Inclusive, gostaria de salientar que se a pesquisa tem algum mérito científico é, sobretudo, fruto do trabalho, da ética profissional, da correção e da erudição da professora Doutora Susani. Agradeço também a professora Doutora Zulmira da Conceição Trigo Gomes Marques Coelho Santos (Faculdade de Letras da Universidade do Porto), pela recepção e supervisão durante o estágio de pesquisa na Universidade do Porto. Aos professores doutores Saul António Gomes (Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra) e Rafael Afonso Gonçalves (Universidade Estadual do Centro-Oeste/Paraná), pelos valiosos apontamentos feitos no Exame de qualificação. Igualmente, agradeço aos membros do grupo “Escritos sobre os Novos Mundos”, especialmente aos professores doutores Jean Marcel Carvalho França (UNESP/Franca), Thiago Henrique Alvarado e ao professor Mestre Rodolfo Nogueira da Cruz (UNESP/Franca), pelas correções e debates realizados durante os seminários de pesquisa. À minha tia e mãe adotiva Ercília das Neves e meu pai Edval José, pelo auxílio e carinho. Ao meu amigo João Miguel Nayme, pelo constante apoio e incentivo. Por fim, gostaria de agradecer à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pelo financiamento da pesquisa de mestrado (processo 2021/04250-8) e pela concessão da Bolsa de Estágio de Pesquisa no Exterior (BEPE) (processo 2022/01854-2).

*A vos digo boa gente,
que aquy estades de presente,
e rogovos aficadamente
que vyvades em peendencia
e de aquel muy grande juizo
que seera em fym do mundo
ajades muyto grande temença,
porque o alto senhor Deus Jhesu
do çeeo aa terra viira
e nos outros ante el seremos
e quantos forem mortos,
ele todos julgara, com sua forte sentença.*

Mestre André Dias, *Laudes e Cantigas Espirituais*.

SOUZA, Eduardo Lima de. **Formas de reparação do mal no Portugal dos séculos XIV e XV**. 2023. 213 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2023.

RESUMO

Entre os séculos XIV e XV nos reinos cristãos europeus, torna-se cada vez mais recorrente a produção de obras pastorais escritas em língua vernácula, destinadas a clérigos e monges, propondo modelos de comportamento e prescrições relativas às formas de contato com o sagrado e à absolvição dos pecados. Embora destinadas a esses religiosos, essas prescrições não ficaram restritas a eles, pois chegaram à gente comum das diversas regiões do reino graças ao serviço pastoral de correção dos desvios, a confissão e a pregação. No reino de Portugal, tais conselhos e modelos de edificação referem-se, por vezes, às vivências dolorosas de redenção dos pecados, isto é, ao esforço contínuo de reparação das consequências negativas do pecado cometido contra Deus e contra o próximo. As prescrições referentes a essas práticas de satisfação propunham que a reparação pelo pecado cometido poderia ser alcançada pela reversão do ato falho e por gestos e expressões de arrependimento por vezes ardorosos ou visíveis. A presente pesquisa tem como alvo investigar, no período em que o tema da confissão se tornou um dos principais objetos da literatura teológica e pastoral – fruto da institucionalização da confissão auricular promulgada pelo IV Concílio de Latrão de 1215 –, as formas de reparação do mal, ou satisfação, aceitas e estimuladas na sociedade portuguesa do final do século XIV e ao longo do século XV. A prática da satisfação compunha-se dos três bens dados por Deus ao homem: os bens da alma, os bens do corpo e os bens temporais da fortuna. Pelos bens da alma, o fiel deveria satisfazer por orações e por todas as sete obras de misericórdia espirituais: ensinar, aconselhar, castigar, consolar, sofrer, perdoar e rogar; pelos bens corporais, o fiel deveria jejuar, fazer romarias, disciplinas, abstinências e todas as outras coisas que afligem o corpo; pelos bens temporais da fortuna, o fiel deveria dar esmola e cumprir todas as outras sete obras de misericórdia corporais: visitar, dar de comer, dar de beber, remir, vestir, dar pousada e enterrar o próximo. A partir desse levantamento, serão examinadas as diferentes situações ou circunstâncias em que essas práticas de satisfação eram recomendadas para aperfeiçoamento da alma e ordenamento social, com a finalidade de compreender os fundamentos morais da reparação dos erros então aceitos e defendidos.

Palavras-chave: Portugal; Penitência; Satisfação.

SOUZA, Eduardo Lima de. **Forms of reparation for evil in Portugal in the 14th and 15th centuries.** 2023. 213 f. Dissertation (Master in History) – School of Humanities and Social Sciences, São Paulo State University, Franca, 2023.

ABSTRACT

Between the 14th and 15th centuries in European Christian kingdoms, the production of pastoral works written in the vernacular, aimed at clerics and monks, which proposed models of behavior and prescriptions regarding the forms of contact with the sacred and to the absolution of sins; as a rule, these prescriptions reached the common people of the different regions of the kingdom, starting from the fulfillment of the pastoral service of correction of deviations, carried out through confession and preaching. In the case of Portugal, advice and edification sometimes refer to experiences of redemption, sometimes advice and edification from sins are, to the continuous effort of God and the consequences of the kingdom, against the next. References to decorating practices that were designed to perfection by sin and designed to be translated by slip and gestures and sometimes projected or projected. This inquiry, in the target of the research, that the theme of aims has become one of the main objects of the auricular confession promulgated by the Lateran auricular confession of 1215 -, the forms of institutionalization of the evil confession, as the period institutional form of the confession of evil. or satisfaction, accepted and encouraged in Portuguese society at the end of the 14th century and throughout the 15th century. The practice of satisfaction consists of the three goods given by God to man: the goods of the soul, the goods of the body and the goods of fortune. For the goods proposed by suggestions of mercy, the faithful how to encourage, advise, all works, advise, advise, punish, advise and entreat; fasting, the faithful should fast, make pilgrimages, disciplines, abstinence and all other things that afflict the body; for the temporal goods of fortune, the believer should give alms and perform all the other seven works of corporal mercy: visit, give food, give drink, redeem, dress, give lodging and enter the neighbor. From the survey, it will be examined how different situations or circumstances in which these practices of satisfaction were designed to improve the soul and social purpose, with the purpose of understanding the moral foundations for the accepted and ordered errors defended.

Keywords: Portugal; Penance; Satisfaction.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
A SISTEMATIZAÇÃO DA PRÁTICA PENITENCIAL DA SATISFAÇÃO	17
CAPÍTULO 1 A SATISFAÇÃO DOS BENS DA ALMA.....	38
<i>1.1. A CONTRIÇÃO DA ALMA PARA O ORDENAMENTO DE SI</i>	47
<i>1.1.1. A palavra encarnada</i>	57
1.1.1.1. O paradoxo da oração	60
1.1.1.2. A confissão oral	65
1.1.1.3. A boca de Cristo	68
<i>1.1.2. A bem-aventurança dos que choram</i>	71
<i>1.1.3. A exibição do arrependimento</i>	84
1.2. A VERGONHA PENITENCIAL	90
1.3. A HUMILDADE MERITÓRIA	99
CAPÍTULO 2 A SATISFAÇÃO DOS BENS DO CORPO	110
2.1. O DISTANCIAMENTO DO MUNDO	120
2.2. A DIETA DO PENITENTE.....	125
2.3. AS PEREGRINAÇÕES PENITENCIAIS	139
CAPÍTULO 3 A SATISFAÇÃO DOS BENS TEMPORAIS DA FORTUNA.....	151
3.1. A BEM-AVENTURANÇA DOS MISERICORDIOSOS	155
3.2. A JUSTIÇA DISTRIBUTIVA	173
3.3. EXCLUIR PARA REINTEGRAR	178
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	187
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	195

APRESENTAÇÃO¹

“O mar vil e fedorento que é posto ante nós e o paraíso podemos passar com a nave de penitência, contanto que hajamos os remos de temor. E, se estes remos do temor não governam esta nave de pendença com que passamos este mar deste mundo, até que sejamos passados e aportados ante nosso Senhor Deus, afogamo-nos e entramos no mar fedorento do mundo. Penitência é a nave, o temor é o seu governalho e a caridade é o seu divinal porto pois [o] temor nos faz ser seguros na nave de penitência, e nos faz passar o mar do mundo fedorento e amargoso, e nos faz chegar ao divinal porto, que é caridade, ao qual porto aguardam e esperam vir todos aqueles que sofrem trabalhos de verdadeira penitência [...]”.²

Segundo o *Livro de Isaac*, a penitência ou a *pendença* – multa eclesiástica que se comutavam as penitências que se deviam pelas culpas –,³ era o navio pelo qual o fiel pecador passava pelo “mar vil e fedorento” para chegar ao Paraíso, com “remos de temor”. Na referida metáfora, a penitência emergia como a ferramenta para se chegar a Deus, após o homem ter incorrido em pecado, bem como indicava um percurso, o mar, que representava os pecados e tentações, enquanto os remos de temor guiavam o navio, impedindo que o monge se afogasse no mar, isto é, voltasse a pecar e assim perdesse a sua salvação.⁴ O *Livro de Isaac*, tratado ascético escrito pelo anacoreta e monge nestoriano do Oriente Médio Isaac de Nínive – redigido originalmente em siríaco por volta do século VII, mas traduzido para a língua portuguesa no século XV, período em que florescia em Portugal uma literatura religiosa e mística em língua vernácula –, visava orientar os monges alcobacenses no caminho em direção a Deus, através de um árduo processo de conversão do corpo, da alma e do espírito, por meio da realização de penitências. Séculos mais tarde, especificamente no século XV, Isaac de Nínive – e sua metáfora sobre a penitência⁵ – foi referenciado como “um santo abade que estava em

¹ Tendo em conta a construção do texto a partir de citações diretas, optamos por modernizar os fragmentos em português medieval, dado que a investigação não incidirá sobre a história da língua.

² NÍNIVE, Isaac. **Livro de Isaac: edição crítica da tradução medieval portuguesa da obra de Isaac de Nínive**. Edição César Nardelli Cambraia. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017, p. 179-180.

³ A maioria dos tratados pastorais aqui analisados fazem uso do termo “*pendença*” como sinónimo de penitência, de satisfação ou de pendência, condenação. Padronizamos as citações pelos termos penitência ou satisfação. PENDENÇAS. In: VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de. **Elucidario**. Lisboa: A. J. Fernandes Lopes, 1865. Vol. II, p. 449.

⁴ NÍNIVE, Isaac. **Livro de Isaac**, p. 180.

⁵ A referida metáfora sobre a penitência também aparece na obra pastoral *Vita Christi* de Ludolfo de Saxônia: “Moralmente o mar he o mudo. a nau he a penitencia ou a cruz de Christo. por que a peedeça que he participante da cruz de Christo nom tee nem leua em si saluo os discipollos de Christo. Ou a nau he o corpo humanal e o qual a alma he como marinheiro na nau. a qual per as ondas dos padeçimetos da sanha e da cobijça que som nos orguãos do corpo muytas vezes he epuyxada. e algfias horas esta em perijgo

vestiduras de ermitão”⁶ na obra de espiritualidade mística *Boosco Deleitoso* redigido em Portugal entre os séculos XIV e XV, mas impressa no dia 24 de maio de 1515 na cidade de Lisboa por Hermão Campos. Segundo o tratadista do *Boosco Deleitoso*, “aquele santo abade Isaac” aconselhara o “mesquinho pecador”, protagonista da obra, a navegar sobre “as tormentas do mar deste mundo”, e, assim, chegar ao porto onde ele pudesse encontrar “folgança e sossego”,⁷ isto é, a beatitude celeste.

O referido exemplo sintetiza a função pedagógica e o caráter prescritivo dos tratados, que, nesse caso especificamente, fornecem uma metáfora visual da importância e do papel da penitência no plano terreno, isto é: libertar o fiel do pecado⁸ e prepará-lo para a vida eterna. Essa literatura moralizante e ascética constitui-se integralmente de obras escritas ou traduzidas para a língua portuguesa, de forma que é possível supor que sua circulação ou ao menos os seus ensinamentos tenham ultrapassado os contextos monásticos e conventuais, difundindo-se entre a nobreza erudita e resvalado nas demais camadas da sociedade. Tanto os manuais de confissão quanto os tratados de edificação incitavam uma reflexão moral, capaz de levar ao arrependimento sincero pelos pecados cometidos; pré-requisito indispensável para a confissão auricular. Via de regra, essas obras desdobram as mesmas estruturas analíticas – do decálogo aos sete pecados mortais e veniais –, que se tornaram rudimentos doutrinários fundamentais para combater e reparar o mal.

A interpretação do mal⁹ como sinônimo de pecado tinha se tornado corrente, pois defendia-se que o mal teria sido introduzido pelo homem ainda no Paraíso, subvertendo

de se allaguar porque o mouimento da paixõ do home muytas vezes allagua e affunda o juyzo da razão [...]”. In: SAXÔNIA, Ludolfo de. **Vita Christi**. Ed. de José Barbosa Machado. Braga: Edições Vercial, vol. II, 2013, p. 87.

⁶ “[...] uñ santo abade que i estava em vestiduras de ermitam [...]”. In: **BOOSCO Deleitoso**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1950, p. 148.

⁷ **BOOSCO Deleitoso**, p. 149.

⁸ Tiago 1, 14-15. **BÍBLIA do Peregrino**. São Paulo: Paulus, 2017, p. 2475.

⁹ Não é à toa que a representação do mal mais frequente nas capelas e mosteiros portugueses eram gárgulas, cujas figuras híbridas imitavam o corpo humano, um corpo propenso para o pecado. Por exemplo, as quadros gárgulas lavradas em torno de 1520 na fachada da Igreja de Santa Maria de Alcobaça, representam simetricamente duas mulheres nuas e dois leões exibindo um pênis ereto, o que poderia indicar um aviso àqueles que entrassem no espaço da igreja, contra a soberba e a ira do leão e contra a vocação luxuriosa da mulher; é por isso, aliás, que as mulheres só podiam entrar no espaço monástico até a capela onde estão sepultado os reis, “dali ouvirão os officios divinos não ultrapassando a soleira da porta principal da igreja, junto à qual mandamos que se faça uma grade de madeira”. BAREIRA, Catarina Alexandra Martins Fernandes. **Gárgulas: Representação do feio e do grotesco no contexto português. Séculos XIII a XVI**. Volume I. 2010. 531f. Tese (Doutoramento em Belas Artes) – Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010, p. 476; GOMES, Saul António. **Visitações a Mosteiros Cistercienses em Portugal: Séculos XV e XVI**. Lisboa: Edição do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), 1998, p. 161.

a ordem divina pelo pecado original, que por sua vez era sinal de revolta contra o Criador. Assim, toda vez que o homem pecasse, renovava o ato de revolta contra Deus, preferindo a própria vontade em detrimento da vontade de Deus; em pecado, o homem se separava de Deus, privando-se do fim único em que se encontrava a beatitude, por isso, todo mal era pecado ou consequência do pecado.¹⁰ De qualquer maneira, explica São Tomás de Aquino, a ordem poderia ser reestabelecida pela remissão dos pecados, ou seja, obtida com o sacramento da penitência, no qual atuava “o poder da paixão de Cristo por meio da absolvição do sacerdote, juntamente com o ato do penitente, que coopera[va] com a graça para a destruição do pecado”.¹¹

Em vista disso, serão especificamente examinadas as emendas descritas e indicadas pelos tratadistas para cada pecado cometido, com o intuito de observar a relevância social da penitência ou satisfação e, em última instância, da própria revelação do pecado para a comunidade de fiéis, a partir dos tratados pastorais e de edificação escritos ou traduzidos para a língua portuguesa entre os séculos XIV e XV. Considerando que uma das funções da prática da satisfação indicadas nas fontes era a manutenção e a restituição dos laços sociais entre o fiel penitente e a comunidade, importa perquirir as formas da satisfação, seus elos com o reconhecimento da culpa e, sobretudo, o dano provocado à sociedade pela falta cometida em prejuízo de Deus, do reino, do próximo ou de si mesmo. Cabe analisar, portanto, para além das etapas do processo penitencial, o papel da satisfação na ordenação da vida religiosa e como inspiração para a vida social.

O ato penitencial iniciava-se pela contrição, arrependimento sincero; passava pela confissão, reconhecimento da culpa e absolvição dos pecados; e finalizava com o esforço pessoal de reparação pelos pecados cometidos, essencialmente manifesto no serviço ao próximo e nas obras de misericórdia espirituais: ensinar, aconselhar, castigar, consolar, sofrer, perdoar e rogar; e nas obras de misericórdia corporais: visitar, dar de comer, dar de beber, remir, vestir, dar pousada e enterrar. De acordo com o *Sacramental* de Clemente Sánchez de Vercial, impresso em 1488 a partir de uma tradução portuguesa do castelhano, a penitência constrangia e fazia o homem sofrer todas as coisas de boa vontade, pelo coração contrito, pela confissão da boca e por obras de humildade,¹² para compensar a

¹⁰ GILSON, Étienne. **O Espírito da Filosofia Medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 2006, p. 162-163.

¹¹ AQUINO, Tomás de. **Suma teológica**. São Paulo: Edições Loyola, 2006, Q. 84; Art. 2; Vol. IX; p. 461-554.

¹² SÁNCHEZ, Clemente. **Sacramental**. SÁNCHEZ, Clemente. **Sacramental**. Tradução de José Barbosa Machado. S/L: Vercial, 2010, p. 219-220.

ofensa a Deus, à Igreja e a si mesmo. Pela confissão, o fiel pecador seria reconciliado com Deus através do sentimento de contrição, arrependimento sincero manifesto pela tríade palavras, lágrimas e gestos; por meio da prática da confissão auricular anual, o fiel reconciliava-se com a Igreja; e pela prática satisfatória, o fiel reconciliava-se consigo mesmo.¹³

O título LVII: *quantas maneiras são de satisfação*, da referida obra *Sacramental*, assevera que a prática da satisfação, a ser esmiuçada ao longo desta dissertação, era tripartida, pois categorizava-se a partir dos três bens dados por Deus ao homem: os bens da alma, os bens do corpo e os bens temporais da fortuna.¹⁴ Pelos bens da alma, abordados no primeiro capítulo, o fiel deveria satisfazer por orações e por todas as sete obras de misericórdia espirituais: ensinar, aconselhar, castigar, consolar, sofrer, perdoar e rogar; pelos bens corporais, analisados no segundo capítulo, o fiel deveria jejuar, fazer romarias, disciplinas, abstinências e todas as outras coisas que afligem o corpo; pelos bens temporais da fortuna, tema do último capítulo, o fiel deveria dar esmolas e cumprir todas as outras sete obras de misericórdia corporais: visitar, dar de comer, dar de beber, remir, vestir, dar pousada e enterrar o próximo.¹⁵

Igualmente, a *Vita Christi* de Ludolfo de Saxônia, impressa em 1498, considerava que todo homem é mordomo de Deus,¹⁶ por isso, seria encarregado de governar três vilas para delas gerar rendas. A primeira vila representava o mundo, isto é, os bens temporais, que deveriam ser guardados para que o fruto da renda não fosse roubado, e sim repartido entre os servidores do Senhor. A segunda vila representava o corpo ou os bens do corpo, que deveriam ser guardados para que a morte – pelo pecado – não entrasse pelas frestas

¹³ SÁNCHEZ, Clemente. *Sacramental*, p. 220.

¹⁴ Os três bens dados por Deus ao homem retomam a categorização estabelecida por Tomás de Aquino na *Suma Teológica*, quando o escolástico se refere ao pecado da difamação, na questão 73: “Os pecados contra o próximo se hão de apreciar essencialmente em referência ao dano causado a outrem, pois nisto consiste a natureza da falta cometida. E um dano é tanto maior quanto maior é o bem de que priva o outro. Ora, o bem do homem é tríplice: o bem da alma, o bem do corpo e os bens exteriores. Ora, o bem da alma, que é o mais excelente não pode ser arrebatado por outrem senão ocasionalmente, por exemplo, por um mau conselho, que não induz necessidades. O bem do corpo e os bens exteriores, ao invés, nos podem ser tomados à força. Como, porém, o bem do corpo é mais excelente do que os bens exteriores, mais graves são os pecados que causam danos ao corpo do que prejudicam os bens exteriores. Por conseguinte, de todos os pecados contra o próximo, o mais grave é o homicídio, pois suprime uma vida efetivamente existente. Em seguida, o adultério, pois viola a ordem da geração humana, que introduz à vida. Por fim, vêm os bens exteriores, entre os quais a reputação tem preeminência sobre as riquezas, pois tem maior afinidade com os bens espirituais. É o que se diz no livro dos Provérbios: “Mais vale o bom nome do que muitas riquezas.” Assim, por sua natureza, a difamação é maior pecado do que o furto, menor, porém, do que o homicídio ou o adultério. - Pode, no entanto, haver alteração nessa ordem, em razão de circunstâncias agravantes ou atenuantes”. AQUINO, Tomás de. *Suma teológica*. Q. 72; Art. 3; Vol. VI; p. 221.

¹⁵ SÁNCHEZ, Clemente. *Sacramental*, p. 281-282.

¹⁶ Lucas 16, 1-13. *BÍBLIA do Peregrino*, p.2157.

dos sentidos. E, por fim, a terceira vila representava a alma, ou seja, os bens da alma, que deveriam ser guardados dos maus pensamentos.¹⁷ Em seguida, o autor sintetiza os tipos de satisfação, explicando que o jejum compreendia os bens do corpo, a oração os bens da alma e a esmola os bens do mundo; obras que conjuntamente permitiam que se ganhasse a vida eterna.¹⁸

Como se pode ver, além de categorizar a prática satisfatória a partir dos três bens dados por Deus ao homem, os tratados pastorais e de edificação também classificam a satisfação por meio da tríade: oração, jejum e esmola.¹⁹ Segundo o *Cathecismo Pequeno* de D. Diogo Ortiz, impresso em 1504, por exemplo, ao jejum se reduziam todos os trabalhos corporais; à oração se reduziam todas as obras de misericórdia espirituais; e à esmola se reduziam todas as obras de misericórdia corporais. Por tais práticas, satisfar-se-ia a Deus, ao próximo e a si mesmo, contrariando-se as raízes dos pecados e evitando-se a concupiscência²⁰ da carne, dos olhos e a soberba da vida.²¹ Em linhas gerais, sintetiza o tratadista, a satisfação²² ou penitência era considerada a recompensa, por obra penosa, da ofensa cometida contra Deus, para restituir a amizade perdida.²³ É evidente, esclarece D. Diogo Ortiz, que o Senhor poderia “graciosamente” perdoar os pecados sem satisfação, mas Deus, sendo misericordioso e “justíssimo”, quis que toda a ofensa fosse paga, como o pecado de Adão foi pago em satisfação penosa pelo “Deus homem”, Jesus Cristo.²⁴ A

¹⁷ SAXÔNIA, Ludolfo de. *Vita Christi*. Vol. II, 2013, p. 413.

¹⁸ SAXÔNIA, Ludolfo de. *Vita Christi*. Vol. II, 2013, p. 416.

¹⁹ Essa categorização, pautada na tríade esmola, oração e jejum tem origem bíblica, mais especificamente no evangelho de Mateus 6. Mateus 6, 1-18. *BÍBLIA do Peregrino*. São Paulo: Paulus, 2017, p. 2011-2012.

²⁰ “Desejo libidinoso; luxúria; sensualidade”. CONCUPISCÊNCIA. In: MACHADO, José Barbosa. *Dicionário dos primeiros livros impressos em língua portuguesa*. Vol. I, p.480.

²¹ ORTIZ, Diogo. *O Cathecismo Pequeno de D. Diogo Ortiz*. Estudo literário e edição crítica de Elsa Maria Branco da Silva Lisboa: Edições Colibri, 2001, p. 273.

²² Antes do século XIII, a satisfação significava especialmente indenização. Era a exteriorização de um ato de consciência frequentemente acompanhado de outras compensações, como o pagamento de multas ou a perda de feudos. A demonstração constituía a peça central da expiação e ocorria regularmente diante de um grande público. As demonstrações variavam de gestos de paz a sofisticados atos de submissão. A prática da satisfação teria progredido do *welgild* ou *veregildo*, uma prática de solução amigável dos conflitos. Em suma, o *veregildo* era o que os familiares do infrator pagavam ao lesado; era uma penitência ou pagamento conciliatório cuja aceitação resolvia o conflito para sempre. O *Elucidário* define a satisfação como sinônimo de fiança ou caução. Todavia, as fronteiras entre as práticas de expiação, penitência e satisfação são difíceis de serem traçadas, conformando etapas do arrependimento devocional. ALTHOFF, Gerd. Satisfaction. Peculiarities of the Amicable Settlement of Conflicts in the Middle Ages. In: BERNHARD, Jussen; SELWYN, Pamela. *Ordering Medieval Society: Perspectives on Intellectual and Practical Modes of Shaping Social Relations*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 2001, p. 276-277; SATISFAÇÃO. In: VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de. *Elucidario*. Lisboa: A. J. Fernandes Lopes, 1865. Vol. II, p. 202.

²³ ORTIZ, Diogo. *O Cathecismo Pequeno de D. Diogo Ortiz*, p. 272.

²⁴ ORTIZ, Diogo. *O Cathecismo Pequeno de D. Diogo Ortiz*, p. 147.

sistematização desses ensinamentos era útil tanto ao leigo quanto ao clérigo, que pretendiam aprofundar a própria fé, de modo que permitissem a interiorização e a conscientização de todas as ações pecaminosas, para que em seguida fossem confessadas.

Definidos os três tipos de satisfação, o *Livro das Confissões* de Martim Peres, traduzido para a língua portuguesa pelos monges cistercienses de Santa Maria de Alcobaça em 1399, estabelece os destinatários da prática da satisfação, recomendando que o pecador deveria fazer emenda a Deus, sofrendo; aos homens, satisfazendo-lhes os danos que lhes fez; e a si mesmo, por mortificação.²⁵ O que à primeira vista se nota é que os bens da alma tinham o potencial de satisfazer os pecados veniais, direcionados exclusivamente a Deus; os bens do corpo tinham o potencial de satisfazer os pecados mortais ou da carne e, por isso, satisfaziam a cada um, dado que o corpo participava da execução do pecado; e, por fim, os bens temporais da fortuna tinham o poder de satisfazer os pecados que feriam diretamente o próximo. Por isso, todo pecado cometido contra o outro devia ser devidamente emendado para com o próximo ou direcionado a ele e, em última instância, a Deus, porque todo homem é criatura de Deus, feito à Sua imagem e semelhança. Em suma, ordenar os tipos de satisfação de acordo com os tipos de pecados e seus destinatários de uma maneira lógica era uma característica frequente nas obras pastorais, porque além de ser um recurso mnemônico, isto é, para facilitar a memorização, permitiria que o clérigo recomendasse a emenda mais adequada para cada pecado, levando em consideração o tipo de pecado, o estatuto social do pecador, a circunstância e quem foi ferido com o pecado.

A tentativa de serializar e relacionar as práticas penitenciais é aqui realizada tendo em vista a sistematização de uma vivência virtuosa com base no cristianismo e para desvendar a racionalidade por trás das prescrições satisfatórias. Mais do que isso, procuramos analisar a prática da satisfação por meio de diferentes chaves de leitura, nomeadamente a partir das práticas de satisfação interna da alma, de satisfação externa do corpo e de satisfação com o próximo. O que nos interessa, sobretudo, é investigar as penas recomendadas para o cumprimento da prática da satisfação entre os religiosos – gradativamente espalhada à comunidade leiga por meio do serviço paroquial de correção de desvios –, tendo em vista o tipo de pecado, a sua gravidade, quem peca, quem é ferido pelo pecado e, o mais importante, as emendas determinadas para cada caso, com o

²⁵ PÉREZ, Martín. *Livro das Confissões*. Ed. José Barbosa Machado e Fenando Torres Moreira. Braga: Edições Vercial, 2013, p. 347-348.

objetivo de dar a conhecer as compensações e a resposta social ante o pecado e a graça; melhor dizendo, pretende-se examinar os tipos de correção e suas implicações sociais, em vista da transgressão na sociedade medieval portuguesa dos séculos XIV e XV.

Sendo assim, o presente trabalho foi estruturado em três capítulos. O primeiro capítulo compreende as práticas de satisfação da alma, emendas que se cumpriam internamente diante do olhar de Deus e testemunho do confessor, isto é, manifestações emotivas, perceptíveis aos olhos ou aos ouvidos, suficientemente capazes de expurgar os pecados, especialmente os pecados veniais, por meio do arrependimento – contrição perfeita –, da vergonha e da humildade. Em seguida, abordaremos as práticas de satisfação do corpo, as emendas destinadas a afligir o corpo para reparar os pecados carnis, como a vida ascética, o jejum e as peregrinações. Por último, examinaremos a satisfação dos bens temporais da fortuna, reparação dos pecados cometidos contra o próximo ou a favor do próximo, em que o fiel deveria restituir o mal infligido, dar esmola e cumprir todas as outras sete obras de misericórdia corporais: visitar, dar de comer, dar de beber, remir, vestir, dar pousada e enterrar o próximo; do contrário, receberia pena de excomunhão. Em outras palavras, a prática da satisfação é o principal alvo dessa investigação, pois as indicações sobre as formas de reparação do mal, por reconhecimento do erro ou por imputação dos confessores, permitem inquirir de que maneira a vida religiosa, reflexo da vida social, foi sistematizada no reino e como foram fixados certos acordos e regras morais em prol do bem comum e da salvação individual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No capítulo XLII do seu tratado *Leal Conselheiro*, intitulado *De muitos e desvairados frutos da penitência*, D. Duarte alega que “são muitos os frutos da penitência pelos quais vem a limpeza dos pecados”. O rei advertia que se podia amenizar “o peso dos pecados por desejo da caridade”, pois a caridade encobria a multidão dos pecados¹⁰⁴⁶ e ao mesmo tempo as esmolas ofereciam remédios às “nossas chagas”, assim, a água apagava o fogo tal como a esmola apagaria o pecado.¹⁰⁴⁷ D. Duarte, lembrava igualmente o poder das lágrimas na correção dos pecados, ao sugerir que a “chuva das lágrimas” tinha o poder de denunciar os pecados e o choro seria ouvido por Deus.¹⁰⁴⁸ Sua síntese sobre a penitência sugeria a confissão dos pecados como o caminho certo para o perdão¹⁰⁴⁹ e para o “tormento do corpo” como expressão da humildade. Apresentava, em seguida, com base em alguns versículos bíblicos, uma série de penitências para a remissão dos pecados, ou seja, uma lista dos “remédios” que convidavam à vida, em detrimento do pecado, que evidentemente levaria à morte eterna.¹⁰⁵⁰ Como vimos neste estudo, seja referindo-se à penitência, *penitência*, remédio, reparação ou satisfação, as emendas sistematizadas nestes tratados pastorais, ascéticos e edificantes, buscavam estabelecer normas de comportamentos destinadas à elevação espiritual, em vista da instrução individual e, em última instância, da ordenação da sociedade – que dependia da reparação do pecado e da dissolução do conflito.

A confissão dos pecados assumiu a condição, ela própria, de uma penitência, e a própria penitência passou a ser definida como satisfação, isto é, a reparação do dano infligido a Deus, a si mesmo e ao próximo.¹⁰⁵¹ Institucionalizada pelo IV Concílio de Latrão de 1215 e por um episcopado reformador, a confissão auricular foi se estabelecendo nos diversos reinos e de acordo com as circunstâncias de cada diocese, graças à promulgação dos estatutos sinodais.¹⁰⁵² Os sínodos constituíram um meio

¹⁰⁴⁶ Primeira Carta de Pedro 4, 8. **BÍBLIA do Peregrino**, p. 2488.

¹⁰⁴⁷ Mateus 6, 1-16; 16-18. **BÍBLIA do Peregrino**, p. 2011-2012.

¹⁰⁴⁸ Salmos 39, 12. **BÍBLIA do Peregrino**, p. 1036.

¹⁰⁴⁹ Primeira Carta de João 1, 9. **BÍBLIA do Peregrino**, p. 2500.

¹⁰⁵⁰ DUARTE. *Leal Conselheiro*, p. 162.

¹⁰⁵¹ PRODI, Paolo. **Uma História da Justiça: do pluralismo dos foros ao dualismo moderno entre consciência e direito**. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 54.

¹⁰⁵² MARTINS, Armando Alberto. **O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Idade Média**. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2013, p. 353.

privilegiado pelo qual os bispos, visando as necessidades administrativas locais, conseguiam comunicar ao clero as decisões e determinações promulgadas nos concílios ecumênicos nacionais e provinciais. Desse modo, os concílios e sínodos ajudaram a promover uma significativa renovação teológica, que instigou uma produção escrita, tanto sobre a própria confissão quanto sobre a matéria geral dos pecados.¹⁰⁵³ Tratava-se de obras de edificação espiritual em língua portuguesa, originais ou traduzidas, destinadas prioritariamente à formação do clero não familiarizado com o latim.

Os preceitos e as prescrições apresentadas nessas obras não podem ser tomados como um espelho fiel das práticas desviantes cometidas nas paróquias pelo clero local e pelos fiéis, uma vez que sua função primordial era instituir códigos de comportamento, traçando um ideal de vida para todos os integrantes da comunidade cristã. Assim, essa literatura moralista, edificante e pastoral, define um padrão de valores morais, cuja finalidade era, em última instância, a manutenção da ordem social.¹⁰⁵⁴ Não é por acaso que a prática da satisfação pretendia “reparar” o mal, ou o pecado cometido, como expressão última da vontade de Deus. Portanto, essas obras, traduzidas ou escritas em língua portuguesa entre os séculos XIV e XV, são peças indispensáveis e fundamentais de uma pastoral da salvação, cujo alvo era dar a conhecer as bases da doutrina cristã e, assim, corrigir o máximo possível as infrações individuais, para que, em unidade, a comunidade alcançasse a beatitude celeste.

A prática da satisfação ganhou sentido a partir da emergência da crença no purgatório, lugar intermediário entre o céu e o inferno, onde as penas se assemelhavam ao martírio dos santos. O que motivava a execução das penitências era a intenção de diminuir ou até mesmo anular as penas que poderiam ser impostas no purgatório, já que para todo o pecado existia uma emenda determinada, e através da satisfação, o fiel poderia garantir sua remissão ainda neste mundo. Entretanto, aqueles pecados que não fossem reparados em vida poderiam ser remidos pelos sufrágios, orações e missas rezadas por terceiros em prol da salvação do finado.

As emendas para reparação do pecado organizavam-se comumente em uma tríade, que respondia a diferentes grupos de pecados. O primeiro conjunto, referente aos bens da alma, era cumprido internamente, tinha Deus como único destinatário e manifestava-se sobretudo por meio da contrição, da vergonha e da humildade; ou seja, por meio de

¹⁰⁵³ BECHTEL, Guy. **A Carne o Diabo e o Confessor**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.

¹⁰⁵⁴ GUITTON, Laurent. **Chapitre IV. La pastorale des vices : Dire la norme morale**.

emoções, ou dores internas, destinadas a reparar exclusivamente os pecados veniais, testemunhados por Deus e seus confessores, os curas de alma. O segundo grande conjunto de emendas, consagrado a reparar os pecados corporais – especialmente os pecados mortais, como a gula, a luxúria e a cobiça –, era ordenado pela satisfação dos bens do corpo, por meio de penas que deveriam infligir dor ao próprio corpo, como a mortificação, o jejum, a peregrinação e a vida ascética. Por último, a terceira prática penitencial intitulava-se satisfação dos bens temporais da fortuna, que compreendiam emendas para reparar os pecados – como o roubo, a usura e o falso testemunho – cometidos contra o próximo, a serem corrigidos pelas práticas caritativas, pelo perdão, pela restituição dos bens alheios e, em último caso, pela pena de excomunhão.

Esses ensinamentos não ficaram, ao que tudo indica, restritos ao plano ideal e ao âmbito dos mosteiros, pois as igrejas paroquiais e as ordens mendicantes ajudaram a difundir e a dar concretude a essa pastoral no meio urbano. Por meio da pregação, da confissão, da comunhão e das recomendações de interiorização da fé, de comprometimento pessoal e de contenção, buscava-se aproximar de cada fiel para instruí-los e corrigi-los.¹⁰⁵⁵ Além disso, a piedade mendicante popularizou e incentivou o uso frequente do corpo como meio privilegiado de acesso e contato com o sagrado, passando do convento à comunidade.¹⁰⁵⁶ Inclusive, a ideia de renovação da Igreja chegou a Portugal pelos franciscanos da Observância no fim do século XIV e por intermediação dos portugueses que participaram do Concílio de Constança (1414-1418).¹⁰⁵⁷ Ora, até o século XIII, o regime espiritual ascético costumeiramente rejeitava o corpo como acesso a Deus. Desde então, com o incentivo dos mendicantes, o elo entre o espiritual e o corporal passou a desempenhar um papel central na piedade leiga, sendo a externalização do arrependimento pela palavra, pelas lágrimas e pelos gestos, admitida como uma forma de vincular o devoto a Deus, inaugurando, assim, uma piedade cada vez mais incorporada, pois, como sintetiza o dominicano Jacobo de Benavente: “a honestidade se conhece em primeiro lugar por gestos e em segundo lugar por palavras”.¹⁰⁵⁸ Portanto, quando a alma se unia a Deus, era a carne que tornava possível essa ligação. Por essa externalização,

¹⁰⁵⁵ COELHO, Maria Helena da Cruz. A festa – a convivialidade. In: MATTOSO, José (Dir.). **História da vida privada em Portugal**. v. 1, p. 146.

¹⁰⁵⁶ BOQUET, Damien; NAGY, Piroška (dir.). **Le sujet des émotions au Moyen Âge**. Paris: Beauchesne, 2008, p. 399.

¹⁰⁵⁷ DIAS, José Sebastião da Silva. **Correntes de Sentimento Religioso em Portugal (séculos XVI a XVIII)**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1960, p. 67.

¹⁰⁵⁸ BENAVENTE, Jacobo. **Virgeu de Consolação**. In: VEIGA, Albino de Bem (ed.) Porto Alegre: Livraria do Globo, 1958, p. 90

recordava-se e explicava-se o invisível na ordem do mundo visível, tornando-o minimamente compreensível aos fiéis leigos.¹⁰⁵⁹

Em Portugal, a prática da satisfação traduziu-se igualmente pela busca da perfeição moral e espiritual, atributos reunidos de forma elevada, por exemplo, pela Infanta Joana (1452-1490), beatificada em 1693. Contrariando os interesses de seu pai, D. Afonso V, e de seu irmão, a Infanta Joana,¹⁰⁶⁰ refugiou-se a partir de 1472 no Mosteiro de Jesus de Aveiro até sua morte, em 1490. Segundo a *Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus, de Aveiro e Memorial da Infanta Santa Joana filha del Rei Dom Afonso V*, escrita no primeiro quartel do século XV – certamente entre os anos de 1490 e 1525 –, D. Joana, reclusa no mosteiro, passava seus dias com muita devoção, meditação e exercícios espirituais. E mesmo que “mal-disposta do corpo”, seu espírito era forte, por isso fazia contínuos exercícios de penitência, em jejum, vigílias e lágrimas e com a face na terra, de modo que seus olhos e rosto “belos e formosos” ficavam cheios de terra e sua face parecia queimada. D. Joana ainda mandava comprar muitos livros e sermonários. Ainda segundo a crônica, a infanta “parecia arder em chamas de zelo e desejo de caridade”, por isso, ela se doía e chorava pela miséria dos pecados alheios, como se fossem seus. Inclusive, era muito solícita com suas irmãs enfermas, visitando, servindo e lhes dando de comer. E muitas vezes, ela atormentava a si mesma com graves disciplinas “de corda e sangue”.¹⁰⁶¹ Em outras palavras, a Infanta reparava sua alma pelas lágrimas e pela oração; reparava seu corpo através do disciplinamento e do jejum; e reconciliava-se com suas irmãs pela caridade fraterna.

O conjunto dessas emendas exemplificados pela Infanta Joana reunidos na *Crónica da Fundação do Mosteiro de Jesus, de Aveiro e Memorial da Infanta Santa Joana filha del Rei Dom Afonso V* amparava-se em um ideal de arrependimento verdadeiro, isto é, um ideal de que a contrição poderia purgar os pecados veniais e

¹⁰⁵⁹ NAGY, Piroška. *Au-Delà du Verbe...* pp. 441-471.

¹⁰⁶⁰ D. Joana de Portugal (1452-1490) foi uma princesa da Casa de Avis; filha de D. Afonso V (1432-1481, rei desde 1438) com D. Isabel de Avis (1432-1455), a Infanta D. Joana viveu metade de sua vida na corte em Lisboa e a outra metade no Mosteiro de Jesus de Aveiro. Somente dois séculos após sua morte da Infanta ela seria beatificada em 1693 sob o pontificado do Papa Inocêncio XII (1615-1700, papa desde 1691). SOUZA, Gabriel de Queiros. **A construção da narrativa da santidade da princesa Joana de Portugal (1452-1490)**. 2017. Dissertação (Mestre em História) – Curitiba, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, 2017, p. 17.

¹⁰⁶¹ **CRÓNICA da Fundação do Mosteiro de Jesus, de Aveiro e Memorial da Infanta Santa Joana filha del Rei Dom Afonso V**. Edição do Prof. Francisco Ferreira Neves. Aveiro: Gráfica de Coimbra, 1939, p. 119; 140-142.

contribuir para o perdão dos pecados mortais, desde que bem confessados.¹⁰⁶² A boa confissão dos pecados, ali pressuposta, era aquela feita de modo que o que saísse pela boca, as palavras, estivesse de acordo com o que saísse pelos olhos, as lágrimas.¹⁰⁶³ Assim, as palavras, o pranto e os gestos eram tidos como manifestações externas do arrependimento. Dito de outra forma, as palavras, as lágrimas ou os gestos configuravam um desempenho genuíno de expressão das emoções não ditas, do sentimento de arrependimento.¹⁰⁶⁴

A contrição era uma resposta emocional a Deus e era o elemento essencial do rito penitencial, pois, via de regra, a única garantia de conversão era a sua manifestação externa. O ritual cristão era simultaneamente linguagem e contato com o sagrado, em movimento ascendente do homem para o divino.¹⁰⁶⁵ As lágrimas, especialmente, compunham parte do ritual da satisfação ou da remissão dos pecados através da purificação da alma pela lavagem simbólica do corpo, de forma que a dor não era da carne, mas da alma na carne,¹⁰⁶⁶ em benefício da salvação eterna. Sendo assim, a atitude exterior expressava a vivência interior, de modo que as lágrimas e as feridas nos peitos sensibilizavam o amor e a doçura de Deus pelo homem. Inflamado pela dor do arrependimento, o homem se comunicava gestualmente com Deus.

Concomitantemente às manifestações externas de arrependimento sincero, a vergonha, costumeiramente expressa durante o próprio rito da confissão, salvava e mostrava-se como um verdadeiro dispositivo íntimo para remir os pecados e disciplinar a vida; porém, por si só, a vergonha não dispensava a necessidade da confissão oral, antes era considerada um sentimento fundamentalmente aflitivo que poderia equivaler à prática de satisfação, ou seja, dispensava a necessidade de outras penitências. No entanto, os tratados pastorais e edificantes diferenciavam a “boa” da “má” vergonha, pois a boa vergonha era parte da confissão e auxiliava na remissão dos pecados, sugerindo verdadeiro arrependimento; enquanto a “má vergonha”, imobilizava o fiel de se confessar ou levava à soberba, pois ele negligenciava a gravidade dos próprios pecados.

Por fim, a humildade, diferentemente do arrependimento e da vergonha, não era uma manifestação emotiva que nascia em consequência dos pecados cometidos, mas

¹⁰⁶² PÉREZ, Martín. **Livro das Confissões**, p. 376

¹⁰⁶³ PÉREZ, Martín. **Livro das Confissões**, p. 329

¹⁰⁶⁴ BOQUET, Damien; NAGY, Piroska. **Sensible Moyen Âge: Une histoire des émotions dans l'Occident médiéval**. Paris: Édition du Seuil, 2015, p. 17.

¹⁰⁶⁵ NASCIMENTO, Aires. *Gesto Litúrgico...* p. 113.

¹⁰⁶⁶ MOWBRAY, Donald. **Pain and Suffering in Medieval Theology**. Suffolk: The Boydell Press, 2009.

deveria ser uma atitude propositalmente induzida e buscada para evitar os pecados e repará-los, sobretudo o pecado da soberba. A humildade fazia o homem reconhecer a própria baixaza, de onde nascia o ódio a si mesmo, a necessidade de mortificação, o amor a Deus e o desprezo do mundo. A desonra, de sua parte, redimia o pecador para que ele alcançasse a virtude da humildade, necessária para chegar ao céu. Em outras palavras, a contrição, a vergonha e a humildade eram manifestações emocionais do desejo salvífico do homem e componentes essenciais para a execução da confissão auricular e posterior penitência.

Como dores internas, desencadeadas pelo pecado, a contrição, a vergonha e a humildade satisfaziam os bens da alma, justamente porque a reconciliação iniciava-se internamente e em resposta direta a Deus – único que poderia conhecer o que se passava interiormente em cada indivíduo. Existia, pois, uma clara relação entre o interior e o exterior do homem, de modo que o corpo era considerado o reflexo, muitas vezes fiel, do que se passava interiormente. A única maneira que o confessor tinha para decodificar o que se passava internamente eram as manifestações emotivas do corpo, nomeadamente a partir do pronunciamento da palavra, da compunção das lágrimas, da teatralização dos gestos, da vermelhidão do rosto causada pela vergonha ou do olhar de reprovação do próximo, das roupas grossas e do hábito simples.

A citada D. Isabel de Aragão, por exemplo, casou-se com o rei D. Dinis, mas, segundo o cronista Rui de Pina, não deixou espiritualmente de ser casada com Deus, a quem com “abstinência, e contínuas orações, sempre servia e contemplava”, bem como, cotidianamente rezava todas as horas canônicas e, em seguida, lia outros livros de “coisas espirituais e devotas”, muitas vezes chorando com lágrimas de devoção.¹⁰⁶⁷ Igualmente, o Infante D. Pedro, depois de fazer um pacto de morte com o Conde d’Abranches, “com os olhos cheios de lágrimas e, com grande fervor de contrição, feria-se e acusava-[se] de seus pecados”.¹⁰⁶⁸ Também com lágrimas procurou redimir-se o outro filho de D. João, D. Fernando, que quando cativo em Tânger, mostrou-se, segundo Frei João Álvares, tomado pela “culpa e pena”, chorando a ponto dos seus lacrimais e de seu rosto ficarem assados, “como se lhe pusessem fogo”.¹⁰⁶⁹

¹⁰⁶⁷ PINA, Rui de. *Chronica delrey D. Diniz*. In: CRÓNICAS de Rui de Pina. Porto: Lello & Irmão, 1977, p. 230.

¹⁰⁶⁸ PINA, Rui de. *Chronica do Senhor Rey D. Affonso V*. Porto: Lello & Irmão, 1977, p. 733.

¹⁰⁶⁹ ÁLVAREZ, João. *Chronica do Infante Santo D. Fernando*. Ed. Mendes dos Remedios. Coimbra: Amado, 1911, p. 97-98.

Verdadeiramente arrependidos, os fiéis deveriam satisfazer os pecados corporais, para expurgar o mal, submetendo o corpo à aflição, pela abstinência alimentar do jejum, pela peregrinação e pela vida no ermo. O jejum era uma das práticas de satisfação do corpo mais correntes e regulamentadas, pois era tida como uma prática que dependia exclusivamente da vontade do fiel e não de condições econômicas específicas – como era o caso da peregrinação. Por meio dele, o fiel submetia a carne à alma para alcançar a salvação. O evidente paradoxo entre a negação do corpo ou sua exaltação encontrava, na prática do jejum, um certo equilíbrio, que colocava fim à dura batalha entre a alma do homem, afeita às coisas celestiais, e seu corpo, preso às coisas mundanas. Gomes Eanes de Zurara destaca, por exemplo, o hábito da rainha D. Filipa, de “grande abstinência” em seus jejuns, a ponto de ter sido advertida pelos seus abades e físicos a moderá-los para não colocar em risco sua vida.¹⁰⁷⁰ Seu argumento era justamente de desejo de satisfação de seus pecados, inclusive com “muitas esmolas e outras grandes obras de piedade”.¹⁰⁷¹ Além do jejum, para disciplinar seu corpo, D. Afonso V, por exemplo, tentou fugir da governação por três vezes, em busca de uma vida mais contemplativa.¹⁰⁷² Posteriormente, D. Manuel I, narra Damião de Góis, ausentou-se da corte durante dois meses para peregrinar a Santiago de Compostela no verão de 1502 para redimir seus pecados.¹⁰⁷³

Por fim, a prática da satisfação dos bens temporais da fortuna visava reparar essencialmente os pecados cometidos contra o próximo e, ao fim e ao cabo, era um instrumento de manutenção das relações sociais, a partir, sobretudo, da assistência aos pobres, do pagamento de dívidas, do sufrágio, do perdão, da excomunhão ou da reintegração do fiel à comunidade e à Igreja. A prática da esmola, por exemplo, era motivada pela caridade, amor ao próximo, na esperança de se receber a misericórdia divina. A esmola era um contraponto do pecado da avareza e, dessa forma, restituía os bens alheios adquiridos indevidamente, por usura ou furto. Embora, no entanto, a recompensa fosse estritamente espiritual, na prática, as esmolas ordenavam a sociedade, dando assistência aos desafortunados, órfãos, leprosos, peregrinos e cativos.

D. Isabel de Aragão, por exemplo, em sinal de humildade, costumava, em todas as sextas-feiras da Quaresma, lavar os pés de doze homens, “os mais leprosos” que se

¹⁰⁷⁰ ZURARA, Gomes Eanes de. **Crónica da tomada de Ceuta por el rei D. João I**, p. 116-117.

¹⁰⁷¹ ZURARA, Gomes Eanes de. **Crónica da tomada de Ceuta por el rei D. João I**, p. 125.

¹⁰⁷² GOMES, Saul António. **Afonso V**, p. 178; ROSA, Maria de Lurdes. Exercício do poder e salvação da alma. *A fuga mundi* nos círculos cortesãos tardo-medievais portugueses, p. 437-438.

¹⁰⁷³ COSTA, João Paulo Oliveira. **D. Manuel**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005, p. 122.

pudesse encontrar. Na Semana Santa, especialmente na quinta-feira de Lava-Pés, a dita rainha lavava os pés de treze mulheres, pobres envergonhadas.¹⁰⁷⁴ E na calamidade da fome de 1333, em que homens e mulheres “comiam as carnes de bestas mortas e outras coisas que não são para comer”, fazia grandes esmolas, com pão e dinheiro.¹⁰⁷⁵ Por sua vez, D. Leonor, esposa de D. João II, concretizou a prática da caridade fundando a *Irmandade e Confraria da Misericórdia de Lisboa*, criada no mês de agosto de 1498, em Lisboa, com a finalidade de cumprir todas as obras de misericórdia espirituais e corporais.¹⁰⁷⁶

Outra forma de reparar o dano cometido contra o próximo era através da satisfação por restituição, uma espécie de “justiça distributiva”,¹⁰⁷⁷ pautada na partilha dos bens da comunidade, cujo efeito era ordenar a sociedade, já que, pela reparação, geralmente por pagamento de dívidas, se pretendia restabelecer a paz e se reforçar as relações entre as pessoas, assim, reparando igualmente as almas. A título de exemplo, D. Duarte, satisfez e corrigiu a destruição da Sé de Guarda, com numerosas doações que ajudassem a remir seus próprios pecados.¹⁰⁷⁸

Quando todas essas emendas não fossem suficientes para compensar a gravidade do pecado cometido, os confessores determinavam pena de excomunhão, já que a satisfação dos pecados era indissociável do local de culto.¹⁰⁷⁹ Cumpria-se, assim, com a confissão, o jejum, a esmola e seus corolários o plano perfeito da remissão dos pecados, em busca de uma ordem social, senão perfeita, ao menos regulada segundo princípios de bem comum fundados na fé. Esses modelos de conduta foram, assim, concebidos e sistematizados para homens de igreja, mas deslizaram, com alguma flexibilidade, para a comunidade dos fiéis.

¹⁰⁷⁴ PINA, Rui de. *Chronica delrey D. Diniz*. In: CRÓNICAS de Rui de Pina, p. 231

¹⁰⁷⁵ **VIDA e milagre de santa D. Isabel, Rainha de Portugal**. Texto do século XIV, restituído á sua presumível forma primitiva e acompanhado de notas explicativas por J. J. Nunes. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921, p. 68-69.

¹⁰⁷⁶ PAIVA, J. P. (coord. cient.) Antes da Fundação das Misericórdias. **Portugaliae Monumenta Misericordiarum**, p. 385-386.

¹⁰⁷⁷ ORTIZ, Diogo. **O Cathecismo Pequeno de D. Diogo Ortiz**. p. 211.

¹⁰⁷⁸ **CHANCELARIAS portuguesas**: D. Duarte. Org. e rev. geral João José Alves Dias. Lisboa: Centro de Estudos Históricos, 1999, tomo II, p. 19-20.

¹⁰⁷⁹ IOGNA-PLAT, Dominique. L’espace sacramentel de l’Église. **Bucema**. Les nouveaux horizons de l’ecclésiologie : du discours clérical à la science du social. Hors-série n° 7, 2013.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FONTES PRINCIPAIS

A EXPLICAÇÃO das Obras de Misericórdia – Códice alcobacense do século XV. Volume 2, Anexo documental. In: SILVA, André Costa Aciole de (org.). **“Queremos e mandamos(...) que o dito hospital(...) cure os enfermos(...)”**: Poder e medicina no Hospital de Nossa Senhora do Pópulo (séc. XV-XVII). 2005. 162 f. Tese (Doutorado) - Programa de pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás, 2005.

AQUINO, Tomás de. **Suma teológica**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

BENAVENTE, Jacobe. **Virgeu de Consolaçon**. In: VEIGA, Albino de Bem (ed.). Porto Alegre: Livraria do Globo, 1958.

BÍBLIA do Peregrino. São Paulo: Paulus, 2017.

BOOSCO Deleitoso. Edição do texto de 1515, com introdução, anotações e glossário de Augusto Magne. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1950.

CARTER, Henry H. **Paleographical Edition and Study of The Language of a Portion of Codex Alcobacensis 200**. Filadélfia, University of Pennsylvania, 1938.

CASTELO perigoso. Edição crítica de Elsa Maria Branco da Silva. Lisboa: Colibri, 2001.

CAVALCA, Domingos. **Espelho da Cruz**. In: BICO, M. I. M *Espelho da Cruz: tradição, transmissão e tradução*. 2021. Dissertação (Mestrado em Crítica Textual) — Lisboa, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, 2021. 3 v. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10451/4893>. Acesso em: 26 jun. 2022.

CEPADA, Isabel Vilares. **A Linguagem da Imitação de Cristo: Versão Portuguesa de Fr. João Álvares**. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos, 1962.

CORTE Enperial. In: CALADO, Adelino de Almeida. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2000.

DUARTE. **Leal Conselheiro**. Ed. crítica, introd. e notas de Maria Helena Lopes de Castro; prefácio de Afonso Botelho. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.

DUARTE. **Livro dos Conselhos de El-Rei D. Duarte (Livro da Cartuxa)**. Edição diplomática. Transcrição de João José Alves Dias. Lisboa: Estampa, 1982.

EVANGELHOS e Epístolas com suas exposições em romance. Ed. e estudo de José Barbosa Machado. Braga: Vercial, 2008.

HORTO do Esposo. NUNES, Irene Freire (ed.). Coord. Helder Godinho. Lisboa, Colibri, 2007.

NÍNIVE, Isaac. **Livro de Isaac: edição crítica da tradução medieval portuguesa da obra de Isaac de Nínive.** Edição César Nardelli Cambraia. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2017.

ORTIZ, D. Diogo. **O Cathecismo Pequeno de D. Diogo Ortiz.** Estudo literário e edição crítica de Elsa Maria Branco da Silva Lisboa: Edições Colibri, 2001.

PÉREZ, Martín. **Livro das Confissões.** Ed. José Barbosa Machado e Fenando Torres Moreira. Braga: Edições Vercial, 2013.

PIZAN, Christine de. **O Livro das Tres Vertudes a Insinaça das Damas.** Edição crítica de Maria de Lourdes Crispim. Lisboa: Caminho, 2002.

SÁNCHEZ, Clemente. **Sacramental.** Tradução de José Barbosa Machado. S/L: Vercial, 2010.

SAXÔNIA, Ludolfo de. **Vita Christi.** Ed. de José Barbosa Machado. Braga: Edições Vercial, vol. I, 2010.

SAXÔNIA, Ludolfo de. **Vita Christi.** Ed. de José Barbosa Machado. Braga: Edições Vercial, vol. II, 2013.

SAXÔNIA, Ludolfo de. **Vita Christi.** Ed. de José Barbosa Machado. Braga: Edições Vercial, vol. III, 2012.

TEODORO, Leandro Alves (org.). **Guia dos costumes cristãos: os primeiros opúsculos pastorais em Língua Portuguesa.** São Paulo: Editora Unifesp, 2019.

TRATADO de Confissão: Edição Semidiplomática, Estudo Histórico e Linguístico. In. MACHADO, José Barbosa. Braga: Edições Vercial, 2003.

FONTES DE APOIO

AGOSTINHO, Santo. **A Cidade de Deus.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Livro XIV, vol. II, 1996.

AGOSTINHO, Santo. **Confissões: De magistro.** Coleção “Os Pensadores” 1º. ed. Tradução de J. Oliveira Santos, S. J. e A. Ambrosio de Pina, S. J. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

ALIGHIERI, Dante. **Vida Nova.** Lisboa: Guimarães Editores, 1993.

ÁLVAREZ, João. **Chronica do Infante Santo D. Fernando**. Ed. Mendes dos Remedios. Coimbra: Amado, 1911.

AMBRÓSIO, Santo. **Ambrósio de Milão**. São Paulo: Paulus, 1996.

AQUINAS, Thomas. **Commentary on the Sentences**. Sentences IV. D. 17 – Comparing the Parts of Perance. Q. 2 – Contrition. A. 1 – What contrition is. Disponível em: <https://aquinas.cc/la/en/~Sent.IV.D17.Q2.A1.Q2.2>. Acesso em: 04 de abril de 2022.

AQUINO, Tomás de. **Suma teológica**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

AQUINO, Tomás de. **Suma contra os gentios**. Porto Alegre: EDIPUCRS, Volume II, 1996.

AQUINO, Tomás de. **Comentario a las Sentencias de Pedro Lombardo**. Vol. I/1: El misterio de la trinidad. Navarra: Eunsa, 2002.

AQUINO, Tomás de. **Suplemento de la tercera parte de la Suma Teológica del divino santo Tomás de Aquino**. Traducida directamente del latín con presencia de las más correctas ediciones por D. Hilario Adad de Aparicio. Madrid: Nicolás Moya, Cuestión Primera, Artículo 21, 1883.

CERTIFICADO de indulgências de Inocêncio VIII. Lisboa? entre 1486 e 1493. Disponível em: <https://purl.pt/22009>. Acesso em: 30 de março de 2022.

CHANCELARIAS portuguesas: D. Duarte. Org. e rev. geral João José Alves Dias. Lisboa: Centro de Estudos Históricos, 1999. v. 2.

CRÓNICA da Fundação do Mosteiro de Jesus, de Aveiro e Memorial da Infanta Santa Joana filha del Rei Dom Afonso V. Edição do Prof. Francisco Ferreira Neves. Aveiro: Gráfica de Coimbra, 1939,

CRÓNICAS dos sete primeiros reis de Portugal. Ed. crítica Carlos da Silva Tarouca. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 2009. 3 v.

GARCÍA Y GARCÍA, Antonio (dir.). **Synodicon Hispanum**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, v. 2, 1982.

GARCÍA Y GARCÍA, Antonio (dir.). **Synodicon Hispanum**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, v. 5, 1990.

GARCÍA Y GARCÍA, Antonio (dir.). **Synodicon Hispanum**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, v. 10, 2011.

GÓIS, Damião de. **Chronica d'el-rei D. Manuel**. Lisboa: Escriptorio, 1909. v. XI.

JOÃO. **Livro da Montaria**. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1918.

LAS SIETE Partidas del muy noble rey don Alfonso el Sabio, glosadas por el lic. Gregorio Lopez, del Consejo Real de Indias de S. M. Madrid: Compañía General de Impresores y Libreros del Reino, t. I. Partida 1. tít. XXIV, 1843.

LATERAN IV 1215. The Canons of the Fourth Lateran Council, 1215. Disponível em: <https://sourcebooks.fordham.edu/basis/lateran4.asp>. Acesso em: 30 de março de 2022.

LIVRO das Leis e Posturas. Ed. de Maria Teresa Campos Rodrigues. Lisboa: Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, 1971.

LOPES, Fernão. **Crónica de D. Fernando.** Ed. crítica, introd. e índices Giuliano Macchi; rev. Giuliano Macchi e Teresa Amado. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.

LOPES, Fernão. **Crónica del rei dom Joham I de boa memoria e dos reis de Portugal o decimo.** Ed. William J. Entwistle. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1977. v. II.

PAIS, Álvaro. **Estado e Pranto da Igreja** (Status et Planctus Ecclesiae). Estabelecimento do texto e trad. Miguel Pinto de Meneses. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, V. 8, 1998.

PAIS, Álvaro. **Estado e Pranto da Igreja** (Status et Planctus Ecclesiae). Estabelecimento do texto e trad. Miguel Pinto de Meneses. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, V. 4, 1998.

PAIVA, J. P. (coord. cient.) Antes da Fundação das Misericórdias. **Portugaliae Monumenta Misericordiarum.** ed. lit. Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, Vol. 2, Lisboa: União das Misericórdias Portuguesas, 2003.

PEDRO; VERBA, João. O Livro da Virtuosa Bemfeitoria. In: ALMEIDA, Manuel Lopes (dir.). **Obras dos Príncipes de Avis.** Porto: Lello & Irmão, 1981.

PEREGRINAÇÃO e lugares da Terra Santa. CHAVES, Álvaro Lopes. Livro dos Apontamentos (1438-1489). Códice 443 da coleção pombalina da B.N.L. Introdução e transcrição de Anastásia Mestrinho Salgado e Abílio José Salgado. Lisboa: Imprensa Nacional e Casa da Moeda, 1983.

PINA, Rui de. **Chronica do Senhor Rey D. Affonso V.** Porto: Lello & Irmão, 1977.

PINA, Rui de. **Chronica delrey D. Diniz.** In: CRÓNICAS de Rui de Pina. Porto: Lello & Irmão, 1977.

PINA, Rui de. Chronica do Senhor Rey D. Duarte. In: **Crónicas de Rui de Pina.** Ed. M. Lopes de Almeida, Porto, Lello & Irmão Editores, 1977.

PINA, Rui de. Chronica do Senhor Rey D. Affonso V. In: **Crónicas de Rui de Pina.** Porto: Lello & Irmão, 1977.

PRIETO, Pablo, Martín; SCHMITT, Jean-Claude; TEODORO, Leandro Alves. **Cativar as almas: Diretrizes para a instrução espiritual (séculos XII-XV)**. São Leopoldo RS: Editora Unisinos, 2022, p. 62-67.

REGRA não bulada. Disponível em: <https://bitly.com/PBZTcrRZi>. Acesso em: 22 nov. 2022.

VIDA e milagre de santa D. Isabel, Rainha de Portugal. Texto do século XIV, restituído á sua presumível forma primitiva e acompanhado de notas explicativas por J. J. Nunes. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1921.

ZURARA, Gomes Eanes de. **Crónica da tomada de Ceuta por el rei D. João I**. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1915.

ZURARA, Gomes Eanes de. **Crónica de Guiné**. Introd., novas anotações e glossário de José de Bragança. Porto: Livraria Civilização, 1973.

DICIONÁRIOS

ANCILLI, Ermanno. **Dicionário de Espiritualidade**. Pontifício Instituto de Espiritualidade Teresianum (org.). São Paulo: Edições Loyola: Paulinas, 2012.

AZEVEDO, Carlos Moreira (dir.). **Dicionário de História Religiosa de Portugal. J-P**. Rio do Mouro: Círculo de Leitores SA e Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2001.

BLUTEAU, Rafael. **Suplemento ao vocabulário portuguez, e latino, que acabou de sahir a luz, Anno de 1721**. Dividido em oito volumes, dedicados ao magnifico rey de Portugal D. João V. Lisboa: Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1722.

BORRIELLO, L.; CARUANA, E.; DEL GENIO, M. R.; SUFFI, N. (dir.). **Dicionário de Mística**. São Paulo: Paulus: Edições Loyola, 2003.

DOUGLAS, J. D. **Novo dicionário da Bíblia** (Org.). São Paulo: Vida Nova, 2006.

EICHER, Peter (dir.). **Dicionário de conceitos fundamentais de teologia**. São Paulo: Paulus, 1993.

FLANDRIN, Jean-Louis. **O sexo e o Ocidente: Evolução das atitudes e dos comportamentos**. Tradução de Jean Progin. São Paulo: Editora brasiliense, 1988.

GRACIA RIVAS, Manuel. **Diccionario de términos religiosos y litúrgicos**. Zaragoza: Centro de Estudios Borjanos Institución Fernando el Católico, Volumen III [N-Z],

LANCIANI, Giulia; TAVANI, Giuseppe. **Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2000.

LOYN, Henry R. (org.). **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

MACHADO, José Barbosa. **Dicionário dos primeiros livros impressos em língua portuguesa**. Braga: Edições Vercial, vol. I, II, III e IV, 2015.

MARCEL VILLER, ·S. J (dir.). **Dictionnaire de Spiritualité Ascétique et Mystique**. Doctrine et Histoire. T. I, Paris: Byzance, 1937.

SAMANES, Casiano Floristán; TAMAYO-ACOSTA, Juan-José (Org.). **Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo**. São Paulo: Paulus, 1999.

SARTORE, Domenico; TRIACCA, Archille M. (Org.). **Dicionário de Liturgia**. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

VITERBO, Joaquim de Santa Rosa de. **Elucidario**. Lisboa: A. J. Fernandes Lopes, Tomo I e II, 1865.]

ESTUDOS

ALEXANDRE, Hélder Miranda. **A figura do penitenciário no desenvolvimento histórico canónico do sacramento da penitência**. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2013.

ALMEIDA, Angela Mendes de. **O gosto do pecado: Casamento e sexualidade nos manuais de confesores dos séculos XVI e XVII**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ANDRADE, Maria Filomena Andrade; PINA, Isabel Castro; SANTOS, Bernardo Vasconcelos e (Dir.); SANTOS, Maria Leonor Ferraz de Oliveira Silva. **Ordens Religiosas em Portugal: das Origens a Trento. Guia Histórico**. Lisboa: Livros Horizontes, 2006.

ANSELMO, Artur. **Origens da imprensa em Portugal**. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1981.

ANTONIO GONZALEZ, Francisco. Concilio de Valladolid del año 1322. In: **Colección de cañones de la Iglesia Española publicada en latín y traducida al castellano, con notas e ilustraciones por Juan Tejada y Ramiro**. Vol. 3. Madrid: Imp. J.M. Alonso, 1849-1862.

ARATA, Maria do Rosário Themudo; KRUS, Luís. **Olhares sobre a História. Estudos oferecidos a Iria Gonçalves**. Portugal: Caleidoscópio, 2009.

ARAÚJO, Maria Marta Lobo de (Coor.). **As Sete Obras de misericórdia Corporais nas Santas Casas de Misericórdia (séculos XVI-XVIII)**. Braga: Santa Cada da Misericórdia de Braga, 2018.

ARNOLD, Jonh. H. Inside and outside the medieval laity: some reflections on the history of emotions. In: **European Religious Cultures: Essays offered to Christopher Brooke on the occasion of his eightieth birthday**, ed. M. Rubin (London, 2020).

ARRANZ GUZMÁN, Ana. La buena fama del clero y el peligro de escándalo público: um tema de preocupación episcopal. In: BECEIRO PITA, Isabel (dir.) **Poder, Piedad y Devoción: Castilla y su entorno (siglos XII-XV)**. Madrid: Sílex, 2014.

AZEVEDO, Carlos Moreira. **História Religiosa de Portugal. Volume I: Formação e limites da cristandade**. Rio de Mouro: Círculo de Leitores, 2000.

BAIKA, Gabriella Ildiko. **Lingua Indisciplinata: a study of transgressive speech in the “romance of the rose” and the “divine comedy”**. Pensilvânia: University of Pittsburgh, 2007. 326. Dissertação, Faculty of Arts And Sciences, 2006.

BALOUP, BANIEL. La muerte y la penitencia en la predicación de las indulgencias en Castilla a finales de la Edad Media. Edad Media. **Revista de Historia**, 6, 2003-2004.

BAPTISTA, Júlio César. **Portugal e o Cisma do Ocidente**. Lisboa: Lusitania Sacra, 1956.

BARBATO, Marcelo; CHAUVEAU, Jean-Paul; FERNÁNDEZ-ORDÉÑEZ, Inés. Entre o manuscrito e o impresso: a *Vita Christi* como testemunho de mudança linguística. **Actes du XXVIIe Congrès international de linguistique et de philologie romanes** (Nancy, 15-20) juillet 2013. Section 8: Linguistique variationnelle, dialectologie et sociolinguistique, 2016.

BAREIRA, Catarina Alexandra Martins Fernandes. **Gárgulas: Representação do feio e do grotesco no contexto português. Séculos XIII a XVI**. Volume I. 2010. 531f. Tese (Doutoramento em Belas Artes) – Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.

BARREIRA, Catarina Fernandes; SEIXAS, Miguel Metelo (Coor.). **D. Duarte e a sua época: arte, cultura, poder e espiritualidade**. Lisboa: IEM - Instituto de Estudos Medievais; CLEGH - Centro Lusíada de Estudos Genealógicos, Heráldicos e Históricos, 2014.

BASCHET, Jérôme. **A civilização feudal: Do ano mil a colonização da américa**. São Paulo: Editora Globo, 2006, p. 404.

BAUBETA, Patrícia Anne Odber. **Igreja, pecado e sátira na Idade Média Portuguesa**. Portugal: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1997.

BECEIRO, Isabel (dir.). **Poder, piedad Y devoción: Castilla y su entorno**. Siglos XII-XV. Madrid: 2014.

BECHTEL, Guy. **A Carne o Diabo e o Confessor**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1999.

BECKWITH, Sarah. **Christ's body: Identity, Culture and Society in Late Medieval Writings**. London : Routledge, 2005.

BEIRANTE, Maria Ângela. **Territórios do Sagrado: Crenças e Comportamentos na Idade Média em Portugal**. Lisboa: Edições Colibri, 2011.

BELINQUETE, José. **História da Catequese em Portugal, Brasil, Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste**. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2011.

BÉRIOU, Nicole; BOUDET, Jean-Patrice; ROSIER-CATACH, Irène. **Le pouvoir des mots au Moyen Âge**. Domaines espagnol et portugais. Turnhout, Brepols, 2012.

BERLIOZ, Jacques. **Monges e Religiosos na Idade Média**. Lisboa: TERRAMAR, 1994.

BERTOLI, André Luiz. Guerra, Legitimação e Poder no norte da África. As fontes portuguesas (1415-1471). **Roda da Fortuna**. Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medieval 2013, Volume 2, Número 1-1 (Número Especial), pp. 335-353. Disponível em: <https://run.unl.pt/handle/10362/13298>. Acesso em: 30 de março de 2022.

BOISSELLIER, Stéphane; DARBORD, Bernard & MENJOT, Denis. **Langue Médiévales Ibériques. Domaines espagnol et portugais**. Turnhout, Brepols, 2012.

BOQUET, Damien. *Christus dilexit verecundiam*. La honte admirable d'Angèle de Foligno et la cause des franciscains spirituels. **Rives nord-méditerranéennes [En ligne]**, 31, 2008, mis en ligne le 07 décembre 2012. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/rives/2813>>. Acesso em: 29 jan. 2022.

BOQUET, Damien; NAGY, Piroska (dir.). **Le sujet des émotions au Moyen Âge**. Paris: Beauchesne, 2008.

BOQUET, Damien; NAGY, Piroska. **Sensible Moyen Âge: Une histoire des émotions dans l'Occident medieval**. Paris: Édition du Seuil, 2015.

BOUDON, Raymond. **Crer e saber: Pensar o político, o moral e o religioso**. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

BRAGA, Theophilo. **O Povo Portuguez nos seus costumes, crenças e tradições**. Vol. I. Lisboa: Livraria Ferreira, 1885.

BRATU, Anca. Fin des temps et temps du Purgatoire dans quelques Jugements Derniers de la fin du Moyen Age. In: **Fin des temps et temps de la fin dans l'univers médiéval**. Aix-en-Provence: Presses universitaires de Provence, 1993.

BRETEL, Paul. **Bouleversants voyages : Itinéraires et transformations** [en ligne]. Perpignan: Presses universitaires de Perpignan, 2000 (généré le 30 mars 2022). Disponível em: <http://books.openedition.org/pupvd/29159>. Acesso em: 30 de março de 2022.

BRONISLAW, Geremek. **A piedade e a força: história da miséria e da caridade na Europa**. Lisboa: Terramar, 1986.

BROWN, Peter. **Poverty and Leadership in the Later Roman Empire**. Hanover and London: University Press of New England, 2001.

BUESCU, Ana Isabel. **Cultura impressa e cultura manuscrita em Portugal na Época Moderna: uma sondagem**. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Penélope 21, 1999.

BUESCU, Ana; MIRANDA, Maria Adelaide; SOUSA, João Silva de (coord.). **O Corpo e o Gesto na Civilização Medieval**. Actas do Encontro (11-13 de Novembro de 2003). Lisboa, Edições Colibri, 2006.

BYNUM, Caroline Walker. **Holy feast and holy fast the religious significance of food to medieval women**. London: University of Clifornia Press; Berkeley and Los Angeles, 1998.

CACHO BLECUA, Juan Manuel. Vergüenza, sabiduría y pecado en la literatura medieval castellana (del *Bonium* a don Juan Manuel). **Príncipe de Viana**. Anejo, N.º. 18, págs. 75-102, 2000.

CALAFATE, Pedro (Dir.). **História do pensamento filosófico português Volume I – Idade Média**. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

CAMBRAIA, César Nardelli. A circulação do *Livro de Isaac* em Portugal. **Filologia Linguística Portuguesa**. Minas Gerais. N. 6, p. 101-114, 2014.

CANDOLO, Teresa. Desejo de Deus e lágrimas – uma chave de leitura monástica para textos de espiritualidade medievais. TESSITURAS, INTERAÇÕES, CONVERGÊNCIAS, XI Congresso Internacional da ABRALIC, São Paulo. **Anais**, 13 a 17 de junho de 2008,

CANDOLO, Teresa. **Desejo de Deus: as lágrimas e a representação do ideal monástico primitivo em hagiografias medievais portuguesas**. Tese, Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, p. 432, 2002.

CAROZZI, Claude; LE BLÉVEC, Daniel; TAVIANI-CAROZZI, Huguette (dirs.). **Vivre en Societé au Moyen Âge: Occident chrétien VI^e-XV^e siècle**. Aix-en-Provence: Presses universitaires de Provence, 2017.

CARRUTHERS, Mary. **A Técnica do Pensamento: Meditações, Retórica e a Construção de Imagens (400-1200)**. Campinas: Editora Unicamp, 2011.

CARVALHO, José Adriano de Freitas. **Antes de Lutero: A Igreja e as Reformas Religiosas em Portugal no século XV. Anseios e Limites**. Porto: CITCEM; Edições Afrontamento, 2016.

CASAGRANDE, Carla.; VECCHIO, Silvana. **Histoire des pechés capitaux au Moyen Age**. Paris: Flammarion, 2003.

CHRÉTIEN, Jean-Louis Chrétien. **L'arche de la parole: Épiméthée**. Paris: Presses universitaires de France, 1998.

COELHO, Maria Helena da Cruz. **D. João I**. Lisboa: Temas e Debates, 2008.

COELHO, Maria Helena da Cruz (Coor.). **Forais de D. Dinis**. Textos, transcrições e índices de autoria de Maria Helena da Cruz Coelho e Ana Rita Rocha. Portugal: Imprensa Nacional, 2022.

COSTA, João Paulo Oliveira. **D. Manuel**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2005.

COSTA, P. Avelino de Jesus da. A Virgem Maria Padroeira de Portugal na Idade Média. **Lusitania Sacra**, Lisboa, vol. 2, p. 7-49, 1957.

D'AVRAY, D. L. **Medieval Religious Rationalities: A Weberian Analysis**. New York: Cambridge University Press, 2010.

DELUMEAU, Jean. **A confissão e o Perdão. A confissão Católica: séculos XIII a XVIII**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

DIAS, A. J. Dinis. Antecedentes da expansão ultramarina portuguesa: os diplomas pontifícios dos séculos XII a XV. **Revista Portuguesa de História**. Coimbra, Tomo X. Homenagem ao Doutor Damião Peres. 1962.

DIAS, José Sebastião da Silva. **Correntes de Sentimento Religioso em Portugal (séculos XVI a XVIII)**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1960.

DOMINGUES, José. A tradição medieval das sete partidas em Portugal. *7PartidasDigital. Edición crítica digital de las «Siete Partidas»*, 1, pp. 1-14. Disponível em: <https://7partidas.hypotheses.org/692>. Acesso em: 30 de março de 2022.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle (Dir.). **História das Mulheres no Ocidente Vol. II**. Porto: Edições Afrontamento, 1994.

ELLIOTT, Dyan. "Flesh and spirit: the female body". In: MINNIS, Alastair; VOADEN, Rosalynn (ed.) **Medieval holy women in the Christian tradition, c. 1100-c.1500**. Turnhout: Brepols, 2010.

ESPÍRITO SANTO, Arnaldo do. Imagem da sociedade nos Livros Penitenciais. In: MORA, Carlos de Miguel (Coor.). **Vt par delicto sit poena: crime e justiça na Antiguidade**. Coimbra: Universidade de Aveiro, 2005.

FERNANDES, Maria de Lurdes C. **As Artes da Confissão: Em torno dos Manuais de Confessores do século XVI em Portugal**. Humanística e teologia, Porto, 1990.

FERNÁNDEZ, Ángela Muñoz. Llanto, palabras y gestos. La muerte y el duelo en el mundo medieval hispánico (morfología ritual, agencias culturales y controversias). **CHE LXXXIII**, 2009.

FERRER, Michel et al (ed). **Fragmentos para una Historia del cuerpo humano**. Madrid: Taurus, 1990.

FLÓREZ, Gonzalo. **Penitencia y Unción de enfermos**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1993.

FOUCAULT, Michel. Aula de 19 de fevereiro de 1975. In: **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Historia da sexualidad IV: Las confesiones de la carne**. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2019,

FRANÇA, Susani Silveira Lemos; LIMA, Marcelo Pereira; NASCIMENTO, Renata Cristina de Sousa. **Peregrinos e peregrinação na Idade Média**. Petrópolis: Vozes, 2017.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Eva Barbada. Ensaio de Mitologia Medieval**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.

G. VILLOSLADA, Ricardo. **Rasgos característicos de la “Devotio Moderna”**. MANRESA, Vol.28, 1956.

GARCÍA Y GARCÍA, Antonio. **Historia del Concilio IV Lateranense de 1215**. Centro de Estudios orientales y ecuménicos “Juan XXIII”, Salamanca, 2005.

GARCIA, Gonzalo Florez. **La reconciliación con Dios. Estudio teológico-pastoral sobre el sacramento de la penitencia**. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1971.

GILSON, Étienne. **A filosofia na Idade Média**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

GILSON, Étienne. **O Espírito da Filosofia Medieval**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

GODINHO, Vitorino Magalhães. **A expansão quatrocentista portuguesa**. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 2008.

GOMES, Saul António. **Afonso V**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2006.

GOMES, Saul António. Organização Paroquial e Jurisdição Eclesiástica no Priorado de Leiria nos séculos XII a XV. **Lusitania Sacra**. Vol. 4, pp. 163-310, 1992.

GOMES, Saul António. **Visitações a Mosteiros Cistercienses em Portugal: Séculos XV e XVI**. Lisboa: Edição do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR), 1998.

GONÇALVES, Beatris dos Santos. **Nas margens do reino: Marginalidade, Justiça e Relações de Poder na Baixa Idade Média Portuguesa**. Curitiba: Appris Editora, 2018.

GONÇALVES, Iria. A colheita régia medieval, padrão alimentar de qualidade (um contributo beirão). **Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**, Lisboa, v. 6, p. 175-189, 1992-1993.

GONÇALVES, Iria. **À mesa nas terras de Alcobaça em finais da Idade Média**. Alcobaça: Direção-Geral do Património Cultural/ Mosteiro de Alcobaça, 2017. p. 167.

GRABOÏS, Aryeh. **Le pèlerin occidental em Terre sainte au Moyen Âge**. Paris, DeBoeck Université, 1998.

GREEN, Monica H. Pandemic Disease in the Medieval World: Rethinking the Black Death. **The Medieval Globe**, Volume 1, Inaugural Double Issue 2015, pp. 9-26. Disponível em: <https://muse.jhu.edu/article/758492>. Acesso em: 19 de out. 2022.

GREEN, Monica H. Putting Africa on the Black Death map: Narratives from genetics and history. *Afriques* [En ligne], 09 | 2018, mis en ligne le 24 décembre 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/afriques/2125>. Acesso em: 19 de out. de 2022.

GRAES, Isabel. O Pretenso Tribunal de Resgate de Cativos (O Regimento de 20 de Março de 1416). In: SEIXAS, Cristina Nogueira da Silva Margarida (coord.). **Luso-Hispanos de História do Direito de Historia del Derecho**. Madrid: Editorial Dykinson, 2021

GROSSE, Christian. Véronique Beaulande, Le malheur d'être exclu? Excommunication, réconciliation et société à la fin du Moyen Âge. Avant-propos de Claude Gauvard. Paris: Publications de la Sorbonne, **Histoire ancienne et médiévale**, n° 84, 383 pp., 2006.

GUERREAU-JALABERT, Anita. Caritas y don en la sociedad medieval occidental. **Hispania**, LX/1, n.º 204, 2000.

GUITTON, Laurent. **Chapitre IV. La pastorale des vices : Dire la norme morale**. In: La fabrique de la morale au Moyen Âge: Vices, normes et identités (Bretagne, XII^e-XV^e siècles) [en ligne]. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2022 (généré le 20 octobre 2022). Disponível em: <https://doi.org/10.4000/books.pur.184947>. Acesso em: 19 de out. de 2019.

GUNN, Cate. **Ancrene Wisse: From Pastoral Literature to Vernacular Spirituality**. Cardiff: University of Wales Press, 2008.

GUREVITCH, Aron I. **As categorias da cultura medieval**. Lisboa: Caminho, 1990.

HASENOHR, Geneviève. *Lacrimae pondera vocis habent*. Typologie des larmes dans la littérature de spiritualité française des XIII^e-XV^e siècles. **Le Moyen Français**. Revue d'études linguistique et littéraires fondée par Giuseppe di Stefano. França, volume 37, Disponível em: <https://www.brepolonline.net/doi/10.1484/J.LMFR.3.55>.

HENRIET, Patrick. **La parole et la prière au Moyen Âge. Le Verbe efficace dans l'hagiographie monastique des XI^e et XII^e siècles**. Bruxelles: De Boeck Université, 2000.

HERRERA MESA, Pedro Pablo. La práctica de las Obras de misericordia en las Cofradías cordobesas, siglos XIV-XVII. In: JAVIER CAMPOS, Francisco; SEVILLA, Fernández de (Coord.). **La Iglesia Española y las Instituciones de Caridad**. Actas del Simposium 1/4 – IX – 2006. Madrid: Estudios Superiores del Escorial San Lorenzo del Escorial, 2006.

HUIZINGA, Johan. **O declínio da Idade Média**. Lisboa: Editora Ulisseia, 1985.

JAEGER, C. Stephen. **A inveja dos santos. As escolas catedrais e os ideais sociais na Europa medieval (950-1200)**. Tradução de Nelson Dias Corrêa. Campinas: Kíron, 2019.

JUSTO FERNÁNDEZ, Jaime. Los libros en los sínodos medievales de la Península Ibérica. **Revista Española de Derecho Canónico**. Vol.71, n. 176, p. 165-207, Universidad Pontificia de Salamanca, 2014.

IOGNA-PLAT, Dominique. L'espace sacramental de l'Église. **Bucema**. Les nouveaux horizons de l'ecclésiologie : du discours clérical à la science du social. Hors-série n° 7, 2013.

KANTOROWICZ, Ernst H. **Os dois corpos do rei: um estudo sobre teologia política medieval**. São Paulo: Campanha das Letras, 1998.

KERBASTARD, Nolwenn. **La pratique du jeûne à la fin du Moyen Âge: l'exemple des mystiques pèlerines**. Édition électronique du CTHS (Actes des congrès des sociétés historiques et scientifiques), 2014.

LANGUM, Virginia. **Medicine and the Seven Deadly Sins in Late Medieval Literature and Culture**. London : Palgrave macmillan, 2016.

LAVELLE, Louis. **La parole et l'écriture**. Paris: Éditions du Félin, 2005.

LE GOFF, Jacques. **A bolsa e a vida: A usura na Idade Média**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

LE GOFF, Jacques. **O Nascimento do Purgatório**. Lisboa: Editorial Estampa, 1995.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Uma história do Corpo na Idade Média**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEÃO, Ângela Vaz. Novas leituras, novos caminhos: **Cantigas de Santa Maria de Afonso X, O Sábio**. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2008.

LENVAL, H. Lubienska. **Silêncio, gestos e palavras**. Lisboa, Editorial Aster, 1961.

LEVELEUX-TEXEIRA, Corinne; PETERS-CUSTOT, Annick. Gouverner les hommes, gouverner les âmes: XLVI Congrès de la SHMESP (Montpellier, 28-31 mai 2015). **Nouvelle édition [en ligne]**. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2016 (généré le 27 mai 2022). Disponible sur : <http://books.openedition.org/psorbonne/28658>.

LIDA DE MALKIEL, Maria Rosa. **La Idea de la Fama en la Edad Media Castellana**. Españã: Fondo de Cultura Económica, 1983.

LÓPEZ OJEDA, Esther (Coord.). **Los caminos de la exclusión en la sociedad medieval: pecado, delito y represión**. XXII Semana de Estudios Medievales, Nájera, del 1 al 5 de agosto de 2011. Logroño: Instituto de Estudios Riojanos, 2012.

LOSADA, Carolina M. **Los tópicos de la carne, ayuno, purificación y penitencia en la predicación cuaresmal vicentina de 1413**. Memorie Domenicane, Nerbini, 12/2017.

MACEDO, José Rivair. **Disciplina do silêncio e comunicação gestual: os signa loquendi de Alcobaça**. SIGNUM: Revista da ABREM, v. 5, p. 88-107, 2003.

MACINTYRE, Alasdair. **Animales racionales y dependientes**: Por qué los seres humanos necesitamos las virtudes. Traducción de Beatriz Martínez de Mugá. Barcelona, España: Espasa Libros, 2001.

MAGNOLI, Demétrio. (Org.). **História das guerras**. São Paulo: Contexto, 2006;
RICHARD, Jean. **Histoire des Croisades**. Paris: Librairie Arthème Fayard, 1996;
HEERS, Jacques. **Histoire des Croisades**. Paris: Perrin, 2014.

MARQUES DA SILVA, Maria João Violante. **Norma e desvio: comportamentos e atitudes face ao sagrado na diocese bracarense (século VI-XVI)**. In: IX Centenário da Dedicção da Sé de Braga: Congresso Internacional. Volume II/2. Braga: Colecção Memorabilia Christiana, 1990.

MARQUES, A. H. de Oliveira. **A sociedade medieval portuguesa: aspectos de vida cotidiana**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1971.

MARQUES, A. H. de Oliveira. **Portugal na crise dos séculos XIV e XV**. Lisboa: Editorial Presença, 1987.

MARQUES, João Francisco. Franciscanos e Dominicanos Confessores dos Reis Portugueses das duas Primeiras Dinastias. **Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas**. Porto, Anexo V. 53-60, 1993.

MARQUES, José. **A Pregação em Portugal na Idade Média. Alguns aspectos**. Universidade de Sevilha. Via Spiritus, 2002.

MARQUES, José. Peregrinos e peregrinações medievais do Ocidente peninsular nos caminhos da Terra Santa. In: **Estudos em homenagem a João Francisco Marques**. Porto: Universidade do Porto, 2001.

MARTINS, Armando Alberto. **O Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra na Idade Média**. Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2013, p. 353.

MARTINS, Mário. **Estudos de literatura medieval**. Braga: Livraria Cruz, 1956.

MARTINS, Mário. Peregrinações e livros de milagres na nossa Idade Média. **Revista Portuguesa de História**. Coimbra, Tomo V. Homenagem a Gama Barros, Vol. II, 1951.

MARTINS, Mário. O mito de Édipo na Idade Média portuguesa. **Euphrosyne**, 1975, vol. 7, 73-101. Disponível em: <https://bit.ly/3POKZyL>. Acesso em: 29 de jul. de 2022.

MARTINS, Mário. **Vida e obra de frei João Claro**. Doctor Parisiensis e professor universitário. Coimbra: Por ordem da Universidade, 1956.

MATTOSO, José (Dir.). **História da vida privada em Portugal. Idade Média**. Coord. de Bernardo Vasconcelos e Sousa. Lisboa: Círculo de Leitores e Temas e Debates, v. 1, 2011.

MATTOSO, José. **Naquele tempo: ensaios de história medieval**. Lisboa: Temas e Debates - Círculo de Leitores, 2014.

MATTOSO, José. **O Monaquismo Ibérico e Cluny**. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002.

MATTOSO, José (dir.). **O Reino dos Mortos na Idade Média Peninsular**. Lisboa: Edições João Sá da Costa, 1995.

MEENS, Rob. The Practice and Literature of Penance. In: Reynolds P. (Ed.). **Great Christian Jurists and Legal Collections in the First Millennium**. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

MIATTELO, André Luis Pereira. **O Pregador e a Sociedade: A luta pelo poder pastoral no ceio das cidades da Baixa Idade Média**. Revista Territórios & Fronteiras; Cuiabá, vol. 7, n. 2, jul.-dez., 2014

MICHAUD-QUANTIN, Pierre. Les méthodes de la pastorale du XIIIe au XVe siècle. **Methoden in Wissenschaft und Kunst des Mittelalters**, edited by Albert Zimmermann and Rudolf Hoffmann, Berlin, Boston: De Gruyter, 2013.

MINNIS, Alastair; VOADEN, Rosalynn (ed.) **Medieval holy women in the Christian tradition, c. 1100-c.1500**. Turnhout: Brepols, 2010.

MITRE FERNÁNDEZ, Emilio. Integrar y excluir (comuni3n y excomuni3n en el medioevo. **Hispania Sacra**, LXV 132, julio-diciembre 2013.

MOLLAT, Michael. **Os pobres na Idade Média**. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

MONGELLI, L3nia M3rcia (coord.). **A literatura doutrin3ria na corte de Avis**. S3o Paulo: Martins Fontes, 2001.

MONTANARI, Massimo. FLANDRIN, Jean-Louis. **Hist3ria da Alimentaç3o**. Traduç3o de Luciano Vieira Machado e Guilherme J. F. Teixeira. S3o Paulo: Estaç3o Liberdade, 1998.

MORA, Carlos de Miguel (Coor.). **Vt par delicto sit poena: crime e justiça na Antiguidade**. Coimbra: Universidade de Aveiro, 2005.

MOWBRAY, Donald. **Pain and Suffering in Medieval Theology**. Suffolk: The Boydell Press, 2009.

NAGY, Piroska. Les Larmes du Christ dans l'ex3g3se m3di3vale. **M3di3vales** 27, automne 1994.

NAGY, Piroska. *Au-Del3 du Verbe*. L'efficacit3 de la pri3re individuelle au Moyen 3ge entre 3me et corps. In: **La pri3re en latin, de l'Antiquit3 au XVI si3cle: forms, 3volutions, significations**. Brepols Publishers, January 2006, pp. 441- 471.

NAGY, Piroska. **Le don des larmes au Moyen 3ge: Um instrument spirituel qu3te d'institution (V – XIII si3cle)**. Paris: Albin Michel, 2000.

NAGY, Piroska. Les traces invisibles: De la mat3rialit3 des larmes spirituelles au Moyen Age. In: Emotions and material culture: international round-table-discussion. October 7 and 8, 2002, Wien, **Proceedings**, Wien, 2003.

NASCIMENTO, Aires. A traduç3o portuguesa da *Vita Christi* de Ludolfo da Sax3nia: obra de pr3ncipes em "serviço de Nosso Senhor e proveito comum". **Didaskalia**, XXIX, p. 563-587, 1999

NASCIMENTO, Aires. Viajar com livros, na construção de si mesmo. **Via Spiritus**. VS 26 (2019), p. 5 – 31. Disponível em: <https://ojs.letras.up.pt/index.php/vsp/article/view/6840/6277>. Acesso em: 30 de março de 2022.

NASCIMENTO, Aries. **Língua portuguesa e mediações religiosas**. Revista ICALP, vol. 14, dezembro de 1988.

NORTE, Armando José Gomes do. **Letrados e Cultura Letrada em Portugal (sécs. XII e XIII)**. 2003. 708 f. Tese (Doutoramento em História Medieval) – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2013.

OERTZEN, Monica von. A unidade da alma com o corpo em Tomás de Aquino. **Reveleto**, São Paulo, Vol. 9, n. 15, jan/jun, 2015.

OLIVEIRA, Ana Rodrigues. **Rainhas Medievais de Portugal: Dezessete mulheres, duas dinastias, quatro séculos de História**. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2010.

ORLANDIS, JOSÉ. Las peregrinaciones en la religiosidad medieval. In: **Ejemplar dedicado a: Homenaje a José María Lacarra**. Nº. 2-3, 1986.

OURSEL, Raymond. **Pèlerins du Moyen Age**. Paris: Fayard, 1978.

PALAZZO, Éric. **L'invention chrétienne des cinq sens dans la liturgie et l'art au Moyen Âge**. Paris: Cerf, 2014.

PEREIRA, Isaías da Rosa. As obras de misericórdia na Idade Média: as mercearias de Maria Esteves In: **A Pobreza e a Assistência aos Pobres na Península Ibérica durante a Idade Média**. Actas das 1.as Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval, Lisboa 25-30 de Setembro de 1972, vol. I, Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Instituto de Alta Cultura, 1973.

PIMENTEL, Antonio Marcos Gonçalves. **O monge, a irmã e o Orto do Esposo**. Niteroi: Editora da Universidade Federal de Fluminense, 2009.

PINHEIRO, A. C. Manso *et al.* **Estudos de História de Portugal, volume I – sécs. X-XV**. Lisboa: Editorial Estampa, 1982, p. 380.

PRODI, Paolo. **Uma História da Justiça: do pluralismo dos foros ao dualismo moderno entre consciência e direito**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

RÁBANOS, José Maria Soto. **Visión y tratamiento del pecado em los manuales de confesión de la Baja Edad Media Hispana**. Madrid: Hispania Sacra. 2006.

RAMOS-REGIDOR, José. **Teologia do sacramento da penitência**. São Paulo: Paulus, 1989.

RICARD, Robert. **Études sur l'histoire morale et religieuse du Portugal**. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.

ROCHA, Ana Rita Saraiva da. **A assistência em Coimbra na Idade Média: Dimensão Urbana, Religiosa e Socioeconómica (séculos XII a XVI)**. 2019. 577 f. Tese. (Doutorado em História) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 2019.

RODRIGUES, Ana Maria S. A. A formação da rede paroquial no Portugal Medieval. In: Departamento de Ciências e Técnicas do Património; Departamento de História. (org.). **Estudos em homenagem ao Professor Doutor José Amadeu Coelho Dias**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2006.

ROULLET, Antoine. **Corps et pénitence: Les carmélites déchaussées espagnoles (ca 1560 – ca 1640)**. Madrid: Casa de Velázquez, 2015.

SÁ, Isabel dos Guimarães. Igreja e Assistência em Portugal no século XV. **Separata do Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira**. Volume LIII, 1995.

SÁNCHEZ HERRERO, José. **La literatura Catequética en la Península Ibérica, 1236-1553**. En la España Medieval. Tomo y. Editorial de la Universidad Complutense. Madrid, 1986.

SARAIVA, António José. **O crepúsculo da Idade Média em Portugal**. Lisboa: Gradiva, 1998.

SCHELER, M. **Le Sens de la souffrance**. Paris: Aubier, 1936.

SCHMITT, Jean-Claude. **La raison des gestes dans l'Occident Médiéval**. Paris, Éditions Gallimard, 1990

SCHMITT, Jean-Claude. **O corpo, os ritos, os sonhos e o tempo: ensaios de antropologia medieval**. Petrópolis: Vozes, 2014.

SHERWIN, Michael S. **By knowledge & by love: Charity and Knowledge in the Moral Theology of St. Thomas Aquinas**. Washington: The Catholic University of America Press. 2005,

SOUSA, Ivo Carneiro. **A Rainha D. Leonor (1458-1525): Poder, Misericórdia, Religiosidade e Espiritualidade no Portugal do Renascimento**. Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian; Fundação Para a Ciência e a Tecnologia, 2002.

SOUSA, Ivo Carneiro. **Da descoberta da Misericórdia à fundação das Misericórdias (1498-1525)**. Porto: Granito, Editores e Livreiros, Lda, 1999.

SOUZA, Gabriel de Queiros. **A construção da narrativa da santidade da princesa Joana de Portugal (1452-1490)**. 2017. Dissertação (Mestre em História) – Curitiba, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná, 2017.

TAVARES, Maria José Pimenta Ferro. **Pobreza e Morte em Portugal na Idade Média**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

TEODORO, Leandro Alves. O revigorar do sacramento da penitência em Portugal. **Topoi**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 32, p. 50-65, jan./jun., 2016.